

O VESTUÁRIO-ESCRITO & O VESTUÁRIO-IMAGEM COMO DISSEMINADORES DO VINTAGE SLOW FASHION

TÓTARO, Valéria Said¹

RESUMO

O presente artigo busca contextualizar os conceitos barthesianos de Vestuário-Imagem e Vestuário-Escrito na descrição de *looks vintage* cotidianos, publicados em um site de moda ética, no contexto do *Vintage Slow Fashion*, expressão cunhada por esta autora, em sua recente dissertação de mestrado (Mimeo). O termo é um hibridismo conceitual entre a Cultura Vintage, em sua dimensão política, ética e filosófica (ainda pouco estudado academicamente, nesses vieses) e o *Slow Fashion*, movimento de contracorrente ao *Fast-Fashion*, pois defende um consumo mais responsável na moda, denunciando os nocivos impactos sociais e ambientais dessa indústria para o planeta. E, no contexto *Vintage Slow Fashion*, a divulgação de imagens de *looks vintage* - que exigem certo capital cultural para sua produção - com descrições detalhadas sobre a utilização de peças datadas do século XX, garimpadas em brechós vintage ou herdadas de familiares e misturadas a contemporâneas, tem potencial para ser uma contranarrativa estilística, afetiva e ética ao *Fast-Fashion*.

Palavras-chave: Vestuário-Escrito e Barthes. Cultura Vintage e Moda. Brechó Vintage. *Vintage Slow Fashion*.

Abstract: This article seeks to contextualize the Barthesian concepts of Clothing-Image and Clothing-Written in the description of everyday vintage looks, published in an ethical fashion site, in the context of *Vintage Slow Fashion*, an expression coined by this author in her recent Master's thesis (Mimeo). The term is a conceptual hybridism between the Vintage Culture, in its political, ethical and philosophical dimension (still little studied academically, in these biases) and the *Slow Fashion*, countercurrent movement to *Fast-Fashion*, since it defends a more responsible consumption in fashion, denouncing the harmful social and environmental impacts of this industry to the planet. And, in the context of *Vintage Slow Fashion*, the dissemination of images of vintage looks - which demand a certain amount of cultural capital for their production - with detailed descriptions of the use of pieces dating from the twentieth century, mined in vintage thrift stores or inherited from family members and mixed with

¹ Mestre em Estudos Culturais Contemporâneos (Universidade FUMEC), pós-graduada em Gestão Cultural (UNA) e graduada em jornalismo (PUC-MG). Professora de Ética e pesquisadora de Moda. Articulista e ativista do movimento *Slow Fashion Vintage*. E-mail: valeriasaid@hotmail.com.

contemporary, has the potential to be a stylistic, affective and ethical counter-narrative to Fast-Fashion.

Key-words: Written-Clothing and Barthes. Vintage Culture and Fashion. Thrift Shop Vintage. *Vintage Slow Fashion*

A forma como nos vestimos expressa como nos posicionamos perante o outro, reforçando ou demonstrando nosso inconformismo contra um pensamento dominante, como explica Laurie:

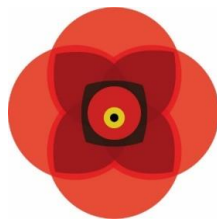
Em geral, a ideia de que mesmo quando não dizemos nada, nossas roupas estão falando ruidosamente com todos que nos veem, dizendo quem somos, de onde viemos, o que gostamos de fazer na cama e uma dezena de outras coisas íntimas, talvez seja perturbadora” (LAURIE, 1997, p. 274).

No caso de consumidores de Moda², há os que se vestem sob forte influência das últimas tendências ditadas pelas Semanas de Moda nacional e internacional, reproduzidas pelas grandes cadeias varejistas, chamadas de sistema *Fast-Fashion*³, a fim de se sentirem “antenados com o mundo *fashion*” e, muitas vezes, serem vistos como “vítimas da moda” (ERNER, 2005). Entretanto, no início de 2015, fashionistas e toda a cadeia da Moda foram duramente criticados e postos em xeque com a divulgação viral de um Manifesto *Anti-Fashion*⁴, lançado pela pesquisadora de tendências Li Edelkoort, um dos nomes mais respeitados nessa área. No Manifesto, a *trendhunter* holandesa afirma que o sistema de moda hodierno encontra-se obsoleto, critica o cenário em que impera a falta de ética no consumo de moda rápida de massa, voltada exclusivamente para o lucro, com impactos negativos ecológicos e sociais para o planeta. De fato, esse sistema de Moda (*Fast-Fashion*) é representado pelas grandes magazines globalizadas, que atuam localmente, produzindo roupas economicamente muito acessíveis, mas eticamente questionáveis, ao utilizarem materiais de qualidade duvidosa e técnicas de produção mais baratas, assegurando vendas rápidas de suas coleções, a partir do princípio da obsolescência programada de tendências, a exemplos das empresas C&A, Zara, Forever 21, H&M, Gap, entre outras. Com efeito, há tempos que muitas dessas lojas de departamento são citadas pela imprensa nacional e internacional por estarem envolvidas em denúncias de

² Em *O Sistema da Moda* (1967), Barthes faz diferença entre escrever Moda com maiúsculo e moda com minúsculo. Em Moda, a letra maiúscula implica um sentido de algo grande, de um sistema, enquanto moda seria apenas relacionado a um capricho. Neste artigo, também será seguida essa proposta de linguagem escrita sempre que fizer referência à Moda como um sistema e moda, minúsculo, quando estiver se referindo a um estilo particular.

³ Expressão que define a oferta competitiva de produtos no mercado de moda, de acordo com as tendências, em um curto espaço de tempo.

⁴ Anti-Fashion Manifest, Lidewij Edelkoort. Disponível em: http://www.edelkoort.com/2015/09/anti_fashion-manifesto/. Acesso em: 19.nov.2017. Cf: VASONE, Carolina. *O mundo fashion está muito old-fashioned*, O Estado de São Paulo, 06.jun. 2015. Disponível em: <http://emails.estadao.com.br/noticias/moda-e-beleza,o-mundo-fashion-esta-muito-old-fashioned,1700316>. Acesso em 18.nov.2017. Cf. em <http://www.edelkoort.com/2015/09/anti_fashion-manifesto/>.



trabalhos análogos à escravidão, de pessoas em situação de cerceamento de liberdade, servidão por dívida, jornada exaustiva, ambiente degradante de trabalho e indícios de tráfico de pessoas em oficinas de confecção de roupas para diversas marcas da cadeia *fast-fashion* (REPORTER BRASIL, 2012 s/n). No caso das redes Zara, a empresa é apontada como precursora do *Fast-Fashion*:

[Zara] consegue disponibilizar uma coleção na loja depois de quatro semanas depois do croqui inicial. Sua infraestrutura de fabricação e distribuição é altamente sofisticada e em grandíssima escala. As roupas também são mais baratas devido à menor quantidade de processos de fabricação e ao baixo custo de mão de obra de fábricas na Ásia. A soma destes fatores garante à Zara a capacidade de oferecer tendências em um menor tempo de absorção. (MATHARU, 2011, p. 76)

Para contrapor esse sistema de moda baseado na afeição do neofilismo e da obsolescência programada, surge o movimento *Slow Fashion*⁵ orientado por abordagens diametralmente opostas ao sistema *Fast Fashion*, tais como: autoconsciência em oposição à alienação; a simbiose versus o parasitismo; confecção e manutenção para um ciclo de vida longo ao invés de produtos programados para serem obsoletos; preço real incorporando custos sociais e ecológicos em oposição ao custo baseado em exploração de mão de obra e materiais não renováveis; prolongamento da vida útil das peças de vestuário e valorização de produção personalizada ou autoral em oposição à produção padronizada (FLETCHER; GROSE, 2011). E uma das ações viáveis para enfrentar o sistema *Fast-Fashion* defendidas por Edelkoort, qual seja, tempo maior de vida útil às roupas e produção de *looks* autorais, está em sintonia com um movimento estético e ético que defende um consumo afetivo e consciente na Moda, o *Vintage Slow Fashion*, expressão cunhada por esta articulista em sua recente defesa de dissertação de Mestrado (TÓTARO, 2017b, mimeo).

O termo implica, destarte, um hibridismo conceitual entre os princípios éticos, estéticos e políticos do *Vintage* e do *Slow Fashion*, qual seja, uma expressão de moda autoral com potencial ideológico de resistência estilística e filosófica ao neofilismo do *Zeitgeist* do *fast-fashion*, que tem imperado no sistema da moda do século XXI. (TÓTARO, 2017b, p. 121).

Vintage, que tem origem na enologia, isto é, o vinho fino produzido em determinado ano, considerado o melhor da safra, significa, no campo da moda, a recuperação de estilos emblemáticos produzidos pelas melhores safras icônicas das décadas de 1920 a 1970. Destarte, uma peça de roupa é considerada *vintage* por ser original dessas décadas, sem sofrer nenhuma alteração ou reciclagem. Autores demarcam para uma peça ser considerada

⁵ O termo foi criado em 2008 pela inglesa Kate Fletcher, consultora de design sustentável e professora do *Centre for Sustainable Fashion*, inspirado no movimento *Slow Food*, de 1986, cunhado pelo jornalista italiano Carlo Petrini, que propunha devolver tanto ao consumidor quanto ao produtor a responsabilidade ambiental que a sociedade moderna tende a esquecer ou encobrir. Cf.: < <http://www.slowfoodbrasil.com/slowfood/o-movimento>>. Acesso em 19. Nov. 2017.

vintage ter mais de 20 anos e menos de 100, pois, após um século, a peça já seria considerada antiga (SARIAL-ABI, VOHS, HAMILTON E ULQINAKU, 2015, p. 143). Em contraposição, *retrô* seriam as peças de roupas ou acessórios produzidos com tecnologia hodierna e que fazem uma releitura dos estilos icônicos de 1920 a 1970, como exemplifica Tótaró:

um tweed Chanel costurado na década de 1920, hoje, é um autêntico vintage. Já um conjuntinho feito nos dias atuais, que faz referência ao mesmo modelo criado por Chanel, na década de 1920, é retrô (TÓTARO, 2017a, s/n).

Em relação aos signos das modas oitocentistas e noventistas, alguns estudiosos entendem que possuem certo teor “vintage”, mas, por serem relativamente recentes, o termo não é devidamente atribuído a décadas vintage. Assim, podemos considerar vintage peças e acessórios garimpados tanto em brechós, principalmente os especializados em roupas datadas do século XX, quanto herdados de familiares que, combinados com signos de vestuários contemporâneos, conotam uma moda autoral e uma filosofia de vida que valorizam a memória afetiva de roupas do passado, ressignificadas no presente. Registre-se, nesse ponto, que o termo “brechó” faz parte da cultura popular brasileira. Explica-se: conta-se que sua origem vem do Rio de Janeiro oitocentista, quando um mascate, de nome Belchior, vendia roupas usadas e outras bugigangas de segunda mão, em sua Casa de Belchior, cuja expressão passou a designar, pela corruptela “brechó”, comércio de usados. Na Europa e nos EUA - berços continentais do surgimento da Cultura Vintage – o comércio de roupas datadas é conhecido por *thrift shop vintage* ou *vintage clothing stores* (FISCHER, 2012, 2013, 2015), termos mais próximos ao brasileiro “brechó vintage”.

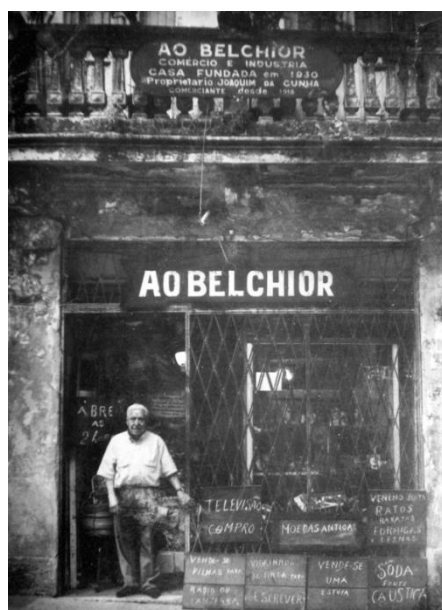
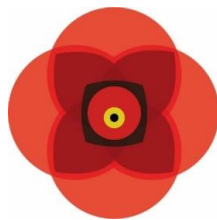


Figura 1 - Casa de Belchior, no Brasil, pela corruptela “brechó”, ficou conhecido como comércio de todos os tipos de usados: roupas, eletrodomésticos, móveis etc.

Fonte: <http://oelementojota.blogspot.com.br/2017/04/alucinacao.html>



Deveras, há pessoas que fazem da Estética Vintage uma filosofia de vida por meio de seus *looks* autorais, como demonstra a reportagem publicada no jornal Estado de Minas: “*Estética vintage ganha adeptos em BH e chama a atenção nas ruas da capital*”⁶. A matéria mostra que seus adeptos se vestem com peças de roupas e acessórios vintage ou retrô garimpados em brechós ou herdados de família, misturadas a contemporâneas, a fim de produzir seus *looks* diários, de modo a evocar algumas sensações do passado, sem desconectar-se do tempo presente. Uma das entrevistadas entende que sua forma de se vestir com peças e acessórios de família é uma forma de resgatar a memória afetiva das roupas e uma oportunidade para transformar suas produções em narrativas, em histórias para serem contadas:

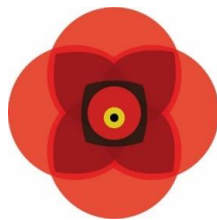
Há uma memória afetiva nessas peças, que sempre têm uma história para contar. Sinto-me bem em saber que as peças que uso têm história para contar, foram de algum ente querido. Não é uma performance. O bacana mesmo é poder fazer uma moda autoral montando essas produções (COTTA, 2015)

Stallybrass, em *O Casaco de Marx* (1999), retrata a relação de afetividade que as pessoas têm com suas roupas e objetos, tanto no aspecto material quanto imaterial. O autor enfatiza que “a roupa tende, pois, a estar poderosamente associada com a memória ou, para dizer de forma mais forte, a roupa é um tipo de memória” (STALLYBRASS, 1999, p. 18). Contextualizando ao Vintage, é a prática de uma estética que, por meio de suas roupas garimpadas em brechó ou herdadas de família, misturadas às atuais, resgata memórias afetivas em *looks* ressignificados no presente, pois, como explica outra vez Stallybrass, a vida social é relacionada à memória afetiva das coisas, com destaque para as peças do vestuário:

Trata-se da relação afetiva que mantemos com os objetos que nos cercam durante a vida e com aqueles que possuem significados simbólicos por pertencerem ou estarem associados a pessoas importantes para nós..(STALLYBRASS, 1999, p.13).

Aliás, essa revalorização de roupas que remetem a memórias afetivas de décadas passadas do século XX vai de encontro às teorizações da Moda, quando esta surge, no trecento ocidental: nega os valores e a cultura do passado, enfatizando o que é novo e efêmero (LIPOVETSKY, 1989) 29). Segue, daí, outra dimensão de resistência estilística ao *Fast-Fashion* do movimento *Vintage Slow Fashion*, qual seja, considerar a tradição, a afetividade, a memória e o consumo consciente de roupas, em *looks* autorais singulares e exclusivos, em relação à moda *mainstream*. Dessa forma, os adeptos do *Vintage* colocam em prática um estilo de vida, por meio de seus *looks* cotidianos, que conecta uma estética afetiva e criativa a uma ética da sustentabilidade. Em outro dizer: ao dar novos sentidos às roupas datadas de família ou garimpadas em brechós vintage, contribuem para aumentar o tempo

⁶COTTA, Carolina. **Estética Vintage ganha adeptos em BH e chama a atenção nas ruas da capital**. Jornal Estado de Minas, Caderno Saúde, 05. Julho. 2015. Disponível em <<http://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2017/05/28/noticias-saude,207182/adeptos-de-outras-decadas-adotam-o-antigo-como-estilo-e-resgatam-o-clip.html>> Acesso em: 19.jun.2017.



de vida útil das roupas, um dos princípios éticos defendidos pelo *Slow Fashion*. Nesse contexto, uma Cultura de Brechó Vintage vem ganhando força na capital mineira⁷, vencendo velhos preconceitos de se consumir peças adquiridas nesses estabelecimentos (KRÁS, 2008), pois, historicamente, o comércio de segunda mão, no Brasil, quando surge no século XIX, está relacionado à beneficência (FISCHER, 2015), portanto, a um consumo entre pessoas com baixo status social:

E como a origem dos brechós coincide com o surgimento dos bazares de caridade e mercados de pulgas na Europa e nos EUA, no século XIX, o fenômeno do comércio de segunda mão está relacionado à beneficência, portanto, ligado ao baixo status social, principalmente entre 1890 a 1950, período em que as roupas começam a ser fabricadas em massa e tornam-se mais acessíveis à população. Daí o preconceito no imaginário popular que ainda relaciona a compra de roupas usadas com pobreza material e espiritual: gente que não usa roupas de segunda mão não só por considerar 'coisa de pobre', mas também por temer que 'fluidos negativos' do proprietário anterior estariam impregnados no 'espírito da roupa'. (TÓTARO, 2017a, s/n)

Contexto diferente nos países europeus e nos Estados Unidos da América, com destaque para Londres e Nova Iorque, berços da Cultura Vintage desde 1960 e lugares onde o consumo de brechó vintage faz parte do cenário urbano das cidades (FISCHER, 2012, 2013, 2015; McROBBIE, 1994) e do capital cultural (BOURDIEU, 1998) de seus consumidores, os quais valorizam uma produção autoral e têm consciência da dimensão ética, afetiva e política que esse consumo de moda oferece como contrapartida ambiental e social para o planeta.

[...] os brechós especializados em vintage comercializam uma estética que valoriza exatamente o passado e não o presente; isto é, oferecem roupas que têm marcas de histórias e não roupas novas espiritualmente assépticas, cujos locais são espaços preferenciais para práticas culturais criativas cotidianas. (TÓTARO, 2017b, p.109)

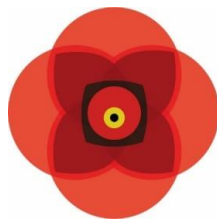
De fato, os brechós vintage, pelo alto valor simbólico de suas roupas (SVENDSEN, 2010), são os que mais exigem capital cultural nas garimpagens, cujos consumidores são conhecidos como verdadeiros *connoisseurs*:

Note-se ainda que a incursão aos brechós vintage é identificada pelos consumidores como muito prazerosa. Além de prometer

⁷JÚNIOR, Lúcio. **Brechós crescem a cada ano no país**. SEBRAE, s/d: Disponível em: <<http://www.sebraemercados.com.br/brechos-crescem-a-cada-ano-no-pais/>> Acesso em: 19.nov.2017.

DAMA, Samy. **Cresce a procura pelo mercado dos brechós e as vendas só aumentam**. HORA 1, Portal Globo G1, São Paulo, 18.08, 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/hora1/noticia/2015/08/cresce-procura-pelo-mercado-dos-brechos-e-vendas-aumentam.html>> Acesso em: 19.nov.2017.

REDE RECORD MINAS, **Brechós de BH lucram com moda vintage**, disponível em: <<https://noticias.r7.com/minas-gerais/videos/brechos-de-bh-lucram-com-moda-vintage-18062016/>> Acesso em: 19.nov.2017.



uma divertida “caça ao tesouro”, configurando-se para muitos como uma atividade de lazer, ela também confere distinção aos que buscam esse tipo de artigo, uma vez que esses consumidores se apresentam como verdadeiros *connoisseurs*, devido a uma noção de bom gosto e ao conhecimento histórico de moda que ostentam. (VALE, 2016, pp. 73-74)

Realmente, garimpar peças de roupas e acessórios datados do século XX para serem misturadas a contemporâneos exige um mínimo de conhecimento dos estilos icônicos das décadas vintage, isto é, capital cultural (BOURDIEU, 1998), a fim de contextualizá-los em *looks vintage* cotidianos, pois, do contrário, a produção pode se tornar caricatural, considerado um erro crasso na narrativa do Vintage, como discurso Estético:

[...] o usuário deve possuir um elevado capital cultural já que, se não souber mesclar de maneira agradável o passado da roupa com o tempo presente, corre o risco de parecer fantasiado. Nesse sentido, o vintage estimula uma busca de conhecimento, não só da moda, mas sobre a cultura em geral, que permita ao ator jogar, ousar, fazer de seu estilo um estilo único, sem cometer erros crassos. (HELLMANN, 2009 p.102)

Com efeito, o desafio cotidiano para os adeptos do *Vintage Slow Fashion* é criar *looks* com peças de roupas do passado, misturadas às atuais, ou seja, as produções vintage devem tecer narrativas contemporâneas, pois a roupa é uma forma de texto, narrativa ou discurso, com funcionamento próprio, porém atrelado à época e ao local em que se insere (BARTHES, 1967). Desse modo, como o ato de vestir é, antes de tudo, um ato de expressar valores, gostos, preferências e uma forma de narrar estilos, a divulgação de imagens detalhadamente legendadas de *looks vintage* tem potencial de disseminar o movimento *Vintage Slow Fashion*, que privilegia a ressignificação de roupas herdadas de família e garimpadas em brechó vintage, a partir dos conceitos barthesianos de Vestuário-Imagem e Vestuário-Escrito (BARTHES, 1967, pp. 15-16). O Vestuário-Imagem é a representação (fotografia, desenhos) da roupa nos editoriais de moda, na publicidade e nas ilustrações, enquanto o Vestuário-Escrito são as legendas e os artigos que descrevem os detalhes, as peculiaridades daquilo que se vê e também daquilo que, por vezes, não se vê fisicamente na imagem, e que está relacionado ao nível vocabular. Por isso, o semiólogo francês estabelece três funções para a descrição, isto é, para o Vestuário-Escrito: 1) a imobilização dos níveis de percepção; 2) conhecimento e 3) ênfase. Na primeira função, de imobilização dos níveis de percepção, o objetivo é determinar a direção do olhar dentro da imagem, uma vez que esta pode despertar várias possibilidades para o espectador, que tem liberdade na escolha das partes que detêm sua atenção:

A linguagem suprime essa liberdade, mas também essa incerteza. Ela traduz uma escolha e a impõe, manda parar aqui – isto é, nem quem nem além – a percepção desse vestido, fixa o seu nível de leitura ao seu tecido, à sua cintura, ao acessório de que ele é adornado. Toda palavra detém, pois, uma função de autoridade, na medida em que ela, se assim se pode dizer, escolhe por procuração em lugar do olho. (BARTHES, 1967, p. 26)

A função de conhecimento refere-se à necessidade de transmitir informações que não são acessíveis só com a fotografia:

[...] a linguagem acrescenta à imagem um saber. E, como Moda é um fenômeno de iniciação, a palavra nela exerce, naturalmente, uma função didática: o texto de Moda representa, de algum modo, a palavra autoritária do que sabe tudo o que há atrás da aparência confusa ou incompleta das formas visíveis (BARTHES, 1967, p.27).

E a função de ênfase procura chamar a atenção para certos detalhes que estão visíveis, mas que fazem parte de um todo que a imagem não separa (BARTHES, 1967, p.27). Assim, metodologicamente, para contextualizar esses conceitos barthesianos de Vestuário-Imagem e Vestuário-Escrito na disseminação do *Vintage Slow Fashion*, serão analisadas quatro imagens e suas respectivas legendas de *looks vintage* divulgadas no site *Moda Ética Brasil|Ethical Fashion Brazil*⁸, no formato *print screen* (Figura 5):



Figura 2 - Em julho de 2015, a criadora do site *Moda Ética Brasil|Ethical Fashion Brazil*, Luciana Duarte, escreveu sobre sua primeira experiência de garimpar em brechó vintage. Segue o depoimento da criadora do site, que abre o artigo intitulado "Cultura dos Brechós": "Foi a jornalista [...] que me guiou até o Brechó [...] na Savassi, em BH, e eu acabei comprando minha 2ª roupa de brechó na vida: um casaco modelo redingote, cinza, de uma marca mineira famosa. (...) E funcionou: ele achou bonito o casaco (...). A roupa conseguiu agradar e isso me fez bem - que mais se poderia desejar do Vintage no contexto do Novo e do Afeto?" Como gratidão - e dando uma resposta a tal pergunta - , reproduzimos aqui um artigo da jornalista discorrendo sobre a interface da moda vintage com as compras em brechós. Boa leitura! <http://modaetica.com.br/cultura-dos-brechos/>.

Fonte: *Print screen* do site *Moda Ética Brasil|Ethical Fashion Brazil*.

⁸ As imagens analisadas foram capturadas em 2015. Atualmente, o site foi reformulado. Disponível em: < <http://modaetica.com.br/>>. Acesso em: 19.nov.2017

Seguem as descrições das legendas (Vestuário-Escrito) utilizadas para especificar as quatro imagens dos *looks vintage* (Vestuário-Imagem), do artigo intitulado “Cultura dos Brechós” (Figura 5), disponibilizado no site *Moda Ética Brasil|Ethical Fashion Brazil*, em formato *print screen*:



Figura 3 - “Saia em crepe de seda, cinto de couro e brincos garimpados em brechós, bolsa vintage final dos anos 60 da minha mãe, sapatos tresse feitos à mão, de 10 coleções passadas, óculos retrô anos 60 e piteira garimpada em brechó de Berlim. A blusa, em seda, foi comprada em outlet.”.

48

Fonte: *Print screen* do site *Moda Ética Brasil|Ethical Fashion Brazil*.



Figura 4 – “O bolerinho vintage em renda guipir foi da minha mãe, no final dos anos 80, vestidinho básico de coleção passada, bolsa retrô 60’s em aplicações de renda e bordados, garimpada em brechô e sapatilhas em tecido, retrô”.

Fonte: *Print screen do site Moda Ética Brasil|Ethical Fashion Brazil.*



Figura 5 - “Sapatinho retrô Melissa, coleção 2009, saia comprada nos anos 90, blusa retrô de outlet, cinto e brincos garimpados em brechôs. Bolsa anos 80, toda rebordada em minimiçangas, garimpada em brechô argentino”.

Fonte: *Print screen do site Moda Ética Brasil|Ethical Fashion Brazil.*

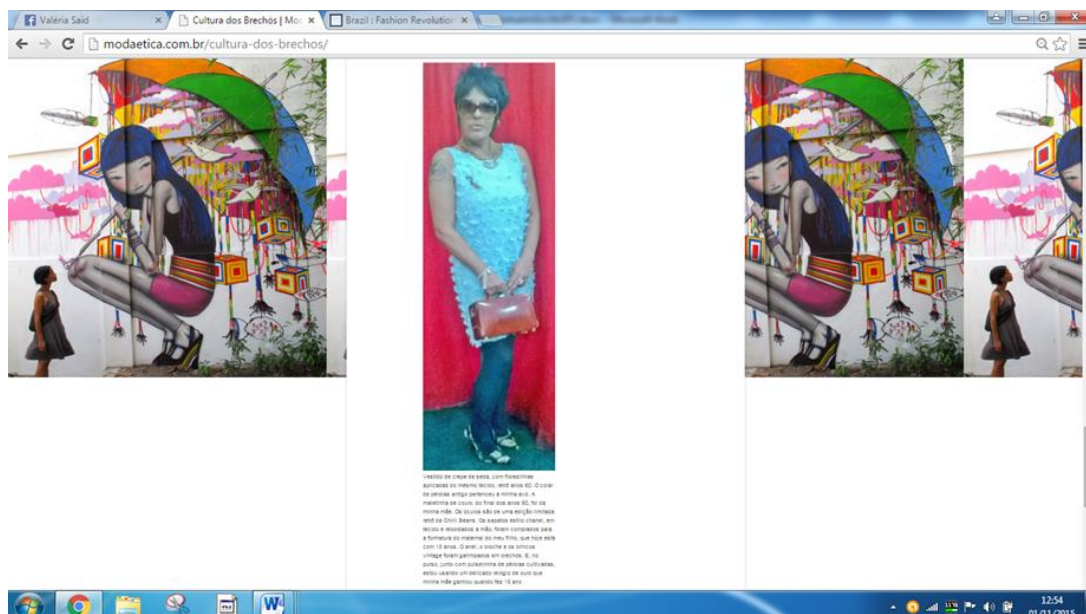
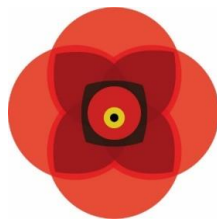


Figura 6 - “Vestido de crepe de seda, com florezinhas aplicadas do mesmo tecido, retrô anos 60. O colar de pérolas antigo pertenceu à minha avó. A maletinha de couro, do final dos anos 60, foi da minha mãe. Os óculos são de uma edição limitada retrô da Chilli Beans. Os sapatos vintage foram garimpados em brechôs. O, no início, um conjunto de acessórios vintage, feito usando um tecido antigo de uma que minha mãe ganhou quando tinha 18 anos.”



estilo Chanel, em tecido e rebordados à mão, foram comprados para a formatura do maternal do meu filho, que hoje está com 18 anos. O anel, o broche e os brincos vintage foram garimpados em brechós. E, no pulso, junto com pulseirinha de pérolas cultivadas, estou usando um delicado relógio de ouro que minha mãe ganhou quando fez 15 anos”.

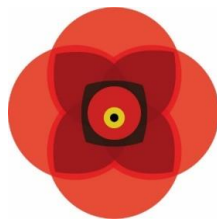
Fonte: *Print screen* do site *Moda Ética Brasil/Ethical Fashion Brazi*.

Como se pode observar nas figuras 6, 7, 8 e 9, as imagens dos *looks vintage* (Vestuário-Imagem), por si só, não dariam conta de transmitir aos leitores que as produções utilizaram peças garimpadas em brechós, herdadas de família ou de coleções passadas, ressignificadas a outras contemporâneas. É imprescindível a descrição do *look* (Vestuário-Escrito), pois a prática do Vintage exige capital cultural específico para saber “vestir-se de modo inteligente”, pois, dar novos sentidos a signos de estilos de décadas do século XX, em looks contemporâneos, é considerado um processo complexo:

Upon researching vintage use in London, Gregson et al. describe the process of mixing vintage and new clothing as “clever dressing for knowing audiences; it is a performance of taste, knowingness, and discernment acted out for an audience of those in the know” (2001: 12). Thus being hooked on vintage begins to appear not so much haphazard as a rather complex process involving the consumer/connoisseur and the accompanying aesthetics, taste, clever dressing, historical curiosity, and an ability to discriminate the authentic product, and revalue it in a new setting. (DELONG; EINEMANN; REILEY, 2005, p.24)⁹

De fato, é na qualidade comunicativa do Vestuário-Escrito, ao informar as referências vintage de cada *look* (Vestuário-Imagem) e enfatizar os pormenores de cada produção autoral, que se transmitem informações sobre os detalhes das peças vintage usadas, que não estão acessíveis nas imagens dos looks (Vestuário-Imagem), levando ao conhecimento do leitor que a produção vintage utilizou peças garimpadas em brechó ou herdadas de família. São essas funções de ênfase e de conhecimento, segundo Barthes (1967), que o Vestuário-Escrito tem condições de divulgar uma mensagem mais significativa, no caso, de *looks vintage* (Vestuário-Imagem), sob o enunciado do *Vintage Slow Fashion*. E ao descrever a origem e o contexto das peças na produção desses *looks*, a função de imobilização dos níveis de percepção também é acionada, uma vez que chama a atenção do leitor para determinadas partes da produção do *look* que devem ser destacadas, como “*bolsa vintage final dos anos 60 da minha mãe*”, “*o colar de pérolas antigo pertenceu à minha avó. A maletinha de couro, do final dos anos 60, foi da minha mãe*”, “*sapatinho retrô Melissa, coleção 2009*”; E, no pulso, junto com pulseirinha de pérolas cultivadas, estou usando um delicado relógio de ouro que minha mãe ganhou quando fez 15 anos”.

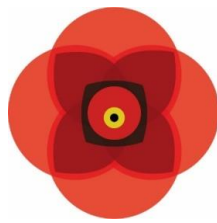
⁹Ao pesquisar o uso do vintage em Londres, Gregson et al. descrevem o processo de misturar roupas vintage e novas como “vestir-se de forma inteligente”; uma performance de gosto, conhecimento e discernimento para um público que precisa saber agir nesse processo”. Desse modo, o surgimento de ‘viciados em vintage’ não é um processo aleatório, mas complexo, que envolve o conhecimentos sobre gosto, o vestir-se de forma inteligente, curiosidade histórica e capacidade de discriminar um produto autêntico e reavaliá-lo em uma nova configuração estética. (Tradução da autora).



Destarte, à medida que cada look vintage é interpretado pelo leitor em sua dimensão estética e ética, pela descrição detalhada da composição do *look*, o discurso do *Vintage Slow Fashion*, contido em cada Vestuário-Escrito analisado, tem potencial para comunicar mensagem de resistência à moda *mainstream*, pois o que dá sentido às imagens dos *looks vintage* é aquilo que se diz a respeito do vestuário, isto é, das peças vintage usadas para compor o *look*. E é essa descrição que vai sugerir ao leitor fazer o melhor uso de seu capital cultural e político para compor seu próprio *look vintage*, no que se pode defender uma função estética e prática do Vestuário-Escrito, com vista a dar uma significação, qual seja, o uso do *look vintage* como moda autoral e filosofia de vida a favor da sustentabilidade e de narrativas afetivas.

É o provável que os Vestuários-Escritos analisados, por si só, não chamariam a atenção imediata do leitor se os Vestuários-Imagens não inspirassem os leitores a buscar detalhes da composição dos respectivos *looks*. Mas, pelo fato desses *looks* terem sido divulgados em um site de moda ética, suas descrições já acionam no público a curiosidade para saber em que condições éticas eles foram produzidos, por exemplo: “*Saia em crepe de seda, cinto de couro e brincos garimpados em brechós, bolsa vintage final dos anos 60 da minha mãe, sapatos tressê feitos à mão, de 10 coleções passadas*” (Figura 6) ; “*O bolerinho vintage em renda guipir foi da minha mãe, no final dos anos 80*” (Figura 7); “*Sapatinho retrô Melissa, coleção 2009*” (Figura 8) e “*Os sapatos estilo chanel, em tecido e rebordados à mão, foram comprados para a formatura do maternal do meu filho, que hoje está com 18 anos. O anel, o broche e os brincos vintage foram garimpados em brechós. E, no pulso, junto com pulseirinha de pérolas cultivadas, estou usando um delicado relógio de ouro que minha mãe ganhou quando fez 15 anos*”.(Figura 9). Aliás, é nesse ponto da descrição ética dos *looks vintage* que a função de imobilização dos níveis de percepção do Vestuário-Escrito é também reforçado. Explica-se: como o Vestuário-Imagem pode ser interpretado de várias formas (BARTHES, 1967), cabe ao Vestuário-Escrito fazer com que o leitor fixe um significado principal, no caso, um significado ético e afetivo desses *looks*, tendo em vista que o vintage, pelo valor simbólico de suas roupas (SVENDSEN, 2010, p.82), pode evocar significados morais e afetivos que não são encontrados na moda *mainstream*.

Enfim, a divulgação de *looks vintage* (Vestuário-Imagem), detalhadamente legendados (Vestuário-Escrito), em redes sociais, blogs e sites de moda ética e sustentável, por exemplo, por adeptos dessa Estética, pode contribuir não só para disseminar a Cultura Vintage como moda autoral e filosofia de vida, mas, principalmente, para promover um consumo consciente na Moda por meio a) da ressignificação de peças vintage herdadas de familiares, misturadas a contemporâneas, em memórias afetivas, e b) de uma Cultura de Brechó Vintage como movimento político de sustentabilidade e espaço privilegiado para prática cultural criativa e inteligente, pois sua garimpagem exige certo capital cultural (TÓTARO, 2017b). E, exatamente pelo desafio cotidiano de saber usar o Vintage em looks autorais e singulares, que, quanto mais se disseminar o *Vestuário-Imagem-Vintage* com legendas enunciando o uso de peças vintage herdadas de parentes ou garimpadas em brechós (*Vestuário-*



Escrito- Vintage), mais o *Vintage Slow Fashion* poderá ser uma potencial contranarrativa estilística, afetiva e ética ao *Fast-Fashion*.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Sistema da moda**. Trad.: Maria de Santa Cruz. Lisboa, Edições 70, 1981 [ano da obra: 1967].

BOURDIEU, Pierre. **Os três estados do capital cultural**. In: NOGUEIRA, M; CATANI, A. (orgs.). *Escritos de Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

COTTA, Carolina. **Estética Vintage ganha adeptos em BH e chama a atenção nas ruas da capital**. *Jornal Estado de Minas, Caderno Saúde*, 05. Julho. 2015. Disponível em <

<http://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2017/05/28/noticias-saude,207182/adeptos-de-outras-decadas-adotam-o-antigo-como-estilo-e-resgatam-o-clip.html>> Acesso em: 28.jun.2016.

DELONG, Marilyn; HEINEMANN, Barbara; REILEY, Kathryn. **Hooked on Vintage!**. *Fashion Theory: The Journal of Dress, Body & Culture* 9 (1), pp. 23-42, 2005. Disponível em:

<<https://bijonsvintageproject.files.wordpress.com/2013/05/ hooked-on-vintage2.pdf>> Acesso em: 12. jun. 2016.

ERNER, Guillaume. **Vítimas da moda? Como a criamos, por que a seguimos?** SENAC, São Paulo, 2005.

FLETCHER, Kate.; GROSE; Lynda. **Moda & Sustentabilidade: Design para mudança**. São Paulo: Senac São Paulo, 2011.

FISCHER, Nancy. **Vintage, the First 40 Years: The Emergence and Persistence of Vintage Style in the United States**. *Culture Unbound*, Volume 7, pp. 45-66, 2015. Disponível em:

<http://www.cultureunbound.ep.liu.se/v7/a05/cu15v7a05.pdf>. Acesso em: 15. Ago. 2016.

_____. **Forever Vintage: How Changes in the Fashion Industry Helped Vintage Style Become a 40-Year Trend**. Department of Sociology, Augsburg College, Minneapolis, Minnesota Paper submitted for the American Sociological Association Annual Meeting August 17-20, Denver Colorado, 2012. Disponível em

<https://v3.pebblepad.co.uk/v3portfolio/uclan/File/OpenFile/Gm3mmGpnkt3nc8w3c9qb9Zdwdw>. Acesso em: 05. Abr. 2017.

_____. **Is it Vintage, Retro or Secondhand? Identify that Retrorama Dress!** [Blog] *The Social Life of Secondhand Clothes*. 27.maio. 2013. Disponível em < <https://sociallifeof2ndhandclothes.com/page/4/>>. Acesso em: 7-março.2017.

HELLMANN, A. **A moda no século XXI: para além da distinção social?** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Dissertação de Mestrado, 2009. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/21459/000736166.pdf>> . Acesso em 01. Jul.2016.

KRÁS, Lígia. **O Passado Presente: Um estudo sobre o consumo e uso de roupas de brechó em Porto Alegre (RS)**. Colóquio de Moda. 2008. Disponível em: http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/4-Coloquio-de-Moda_2008/42379.pdf. Acesso em 27. Jun. 2016.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LURIE, Alison. **A linguagem das roupas**. Rio de Janeiro: Rocco. 1997.

MATHARU, Gurmit. **O que é design de moda?** Porto Alegre: Bookman, 2011.

McROBBIE, Angela. **Second-hand Dresses and the Role of Rag Market**, in: McRobbie, A (ed), *Post-modernism and popular culture*, London: Routledge, 1994. Disponível em <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.468.308&rep=rep1&type=pdf> Acesso em: 12. Nov. 2016

REPORTER BRASIL, **As marcas da moda flagradas com trabalho escravo**, Portal Repórter Brasil, 12. Jul. 2012. Disponível em: <http://reporterbrasil.org.br/2012/07/especial-flagrantes-de-trabalho-escravo-na-industria-textil-no-brasil/>. Acesso em 18.set. 2017.

SARIAL-ABI, Gülen.; D. VOHS, Kathleen.; HAMILTON, Ryan.; ULQINAKU, Aulona. **New Wine in Old Bottles: Death Awareness Makes People Prefer Vintage Products Due to a Desire to Connect the Past, Present, and Future**, in NA - *Advances in Consumer Research* Volume 43, eds. Kristin Diehl and Carolyn Yoon, Duluth, MN : Association for Consumer Research, Pages: 142-146, 2015. Disponível em: http://www.acrwebsite.org/volumes/v43/acr_vol43_1019448.pdf. Acesso em: 16. Mar. 2017

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupas, memória, dor**. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 1999, 1ª edição. Tradução de Tomaz Tadeu.

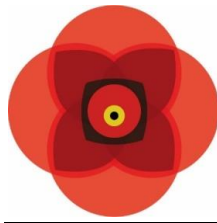
SVENDSEN, Lars. **Moda: uma Filosofia**. São Paulo: Zahar, 2010.

VALE, Ciro. **A reutilização na atualidade: um estudo sobre as restrições ao consumo de roupas de brechós e bazares na cidade mineira de Juiz de Fora**. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, 2016. Disponível em <http://pos.eicos.psicologia.ufrj.br/wp-content/uploads/CIRO-DE-SOUSA-VALE.pdf> Acesso em: 18.jun.2016

TÓTARO, Valéria. **Vintage e Cultura de Brechó pelo viés político da Moda**. [Blog] Cris Guerra.

Disponível em: <http://www.crisguerra.com.br/2017/03/01/cultura-vintage/>. Acesso em 03. Março. 2017a.

TÓTARO, Valéria. **Vintage Slow Fashion como resistência estilística, política e filosófica ao Zeitgeist da Moda no século XXI**, 04. jul 2017. 164 f.



achiote

REVISTA ELETRÔNICA DE MODA.

Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais Contemporâneos), Universidade FUMEC, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2017b [Mimeo].